

Santos para todos os tempos

PALAVRAS-CHAVE: Vergílio Ferreira, santidade, Francisco de Assis.

KEYWORDS: Vergílio Ferreira, sanctity, Francis of Assisi.

Vergílio Ferreira, num breve ensaio sobre Francisco de Assis, já deixava pistas para a abordagem que me proponho, a saber que há santos para todas as épocas e para todos os gostos. Em “Francisco, o santo de todos nós”, começa pela pergunta que também a muitos ocorrerá: “o que é um santo?” E responde não com dados de uma enciclopédia hagiográfica, mas com os da própria cultura e segundo o seu modo de pensar. Chegado à conclusão de que cada qual tem os santos da sua devoção e de que cada época tem igualmente os seus, mostra-nos que este Francisco é da sua devoção, não tanto, ou propriamente, num sentido religioso, mas social e até filosófico do termo.

Distinguindo o santo do herói, cujo horizonte é o da moral humana, enquanto o daquele é de ordem divina, o escritor especifica:

Imediatamente, porém, adentro dos limites de um e de outro, mas sobretudo do santo, se nos distinguem as modalidades de se ser perfeito, o estilo epocal de isso se afirmar. Não é isso também que nos leva à escolha de um santo da “nossa devoção”? É-se santo na ignorância como no muito saber, no apostolado como no isolamento, nos limites de uma vida vulgar como nos de um comportamento incomum. E, no entanto, cada época traça os limites para tudo em nós e *portanto* também da santidade. Como imaginar hoje, e equilibradamente, um santo estilista ou um outro simples anacoreta? (Ferreira, 1987: 155. Sublinhado do autor)

Chamando o “seu” santo pelo lado que mais lhe apraz, Vergílio Ferreira, ao puxá-lo para o nosso tempo nos termos em que o faz, e, como se verá, colocando-o num horizonte de visão e de ação que em muito extravasam da própria época em que viveu Francisco de Assis, está a colocá-lo como uma exceção às condicionantes temporais que naquela afirmação admite. Donde se conclui o caráter de permanente atualidade do mesmo, porque portador de qualidades que não se esgotam nos limites de um quadro temporal definido e sujeito à obsolescência de um tempo a vir.

Jacques le Goff, com a autoridade de historiador, também construiu o *seu* Francisco de Assis, num livro que testemunha a grande admiração por ele e a vontade quer de o colocar no seu contexto histórico, geográfico, cultural e social, para melhor lhe compreender a personalidade e a ação, quer de refletir sobre o seu legado no limiar do terceiro milénio (a edição original é de 1999). Reconhecendo que “Francisco foi um dos personagens mais impressionantes da história medieval, no seu tempo e até aos nossos dias”, o historiador precisa as razões do seu fascínio por ele, entre elas a aliança de “simplicidade e prestígio, humildade e ascendente, uma aparência física vulgar e uma aura excepcional”, apresentando-se “com uma autenticidade acolhedora que permite imaginar uma abordagem a um tempo familiar e distanciada”¹.

Conjugando divindade e moral, ou seja, a permanência, através desta, da memória da divindade, apesar da “morte de Deus”, a Vergílio interessa ainda, por sua vez, a santidade como uma resposta “ao que se nos evidencia como bem” (Ferreira, 1987: 156).

A santidade alheia é, afinal, algo também, e sempre, ao nosso serviço. Em S. Francisco, porque trazendo precisamente um elemento que permanece e que a todos nos toca, em qualquer tempo, a Natureza, e que o presente, por boas e más razões, tem colocado no centro das atenções e preocupações gerais, o nosso autor viu nele o modelo ideal para ser tomado como “o santo de todos nós ou o santo dos santos”:

Eis porque Francisco é o santo de todos nós ou o santo dos santos dentre aqueles que reconhecemos na corte celestial. E o fundamento disso, possivelmente, é que pela primeira vez, depois do paganismo, se realiza com ele a sacralização da Natureza. Passado ao Oriente, o cristianismo separa-se da Terra. Francisco recondu-lo à sua origem. Não que o santo, obviamente, cifrasse a divindade de qualquer modo a essa Natureza pelos vínculos de uma entidade mitológica que aí começasse e findasse. Mas estende a tudo o que é da terra o Espírito que é do Céu. Verdadeiramente, e recuperando a lição de Cristo, Francisco trouxe o céu para mais perto de nós. (*ibid.*: 156)

Até por esta aproximação de realidade terrena e divina, Francisco estava em excelentes condições para responder aos anseios de Vergílio Ferreira como homem e escritor, na medida em que em todos os seus livros perpassa a inquietação e a nostalgia de um ideal humano de pacífica coincidência (tanto quanto possível, harmonia) de contrários, de assunção, enfim, de tudo o que é da esfera da natureza humana, com a possível sublimidade na permanente imperfeição que também é a sua e sem a duplicidade de um corpo separado do espírito que o anima:

¹ O objetivo é bem definido e clara, nos seus propósitos, a atração exercida por S. Francisco como objeto da biografia que pretende escrever: “Na atração que exerce sobre todos os historiadores [...] a tentação de contar a vida de um homem (ou de uma mulher) do passado, de escrever uma biografia que se esforce por atingir a sua verdade, Francisco cedo foi o homem que, mais que qualquer outro, me inspirou o desejo de fazer dele um objecto de história total (longe da biografia tradicional, superficial, feita de episódios), historicamente e humanamente exemplar para o passado e para o presente” (Le Goff, 1999: 6).

Francisco ama a Terra, mas sem esquecer o Céu. E é nesse equilíbrio que ele envolve o Universo inteiro. E se no nosso tempo ele foi já julgado um *hippy* da Idade Média, foi porque também ele renunciou a todo o requinte civilizacional. Com a diferença talvez de que em Francisco esse menosprezo está *aquém*, como nos *hippies* de hoje está *além* dessa civilização. Ou estaria igualmente *além* em Francisco pela antevisão do que viria a ser um excesso. (*ibid.*: 157. Sublinhados do autor)

A leitura que faz Vergílio de Francisco de Assis, por quem não esconde uma autêntica simpatia², é a prova de que ele o interpreta, e à santidade que o caracteriza, à luz da sua perspetiva de homem/escritor do século XX e da cultura que, nele, possuía.

A santidade representada na literatura, mas também nas outras artes, é decorrente de uma cultura, um ponto de vista, não raro uma necessidade. É essa necessidade que move a Corica, em *Signo Sinal*, a fazer uma promessa ao Senhor do Calvário pela cura do filho, em vez de lhe ministrar as vitaminas prescritas pelo médico para tratar o escorbuto. É a mesma que leva o pequeno Paulo, em *Para Sempre*, a recorrer, instado pela tia Luísa, ao “especialista em vocações”, S. Filipe Néri, para que lhe responda a respeito da sua – neste caso, com um suposto assentimento de cabeça que a criança depois transforma em negação na resposta dada à tia³.

Francisco, como modelo, é, à semelhança dos outros santos venerados nos altares, um santo do passado; como nosso irmão, santo do presente; como homem que vê mais além, homem do futuro. É este o sentido da leitura vergiliana, tão ousada, por sua vez, que acaba por o colocar como precursor dos ecologistas, como protótipo da insatisfação existencial que busca sempre um mais além, como, enfim, aquele que se rebelaria contra o materialismo da sociedade contemporânea e o consumismo que a define e condiciona.

Ao intitular o seu texto de “Francisco, o santo de todos nós” (mas este é acima de tudo o *seu* Francisco de Assis, como o é para Jacques le Goff), Vergílio Ferreira revela, por um lado, simpatia e uma certa ternura de tratamento que aproxima o santo da nossa humanidade e, por outro, a ideia de que ele continua a nosso lado a acompanhar-nos, numa espécie de atualização existencial sofrida ao longo do tempo.

S. Francisco, modelo de uma verdade que, como a verdade mais profunda ou mais inocente, nunca se questiona, di-lo Vergílio noutros lugares (“A sua verdade está antes de toda a discussão, como toda a verdade inocente” [Ferreira, 1987: 158]), tem no autor

² Numa página de diário, Vergílio refere-se à encomenda que lhe tinha sido feita para escrever sobre Francisco de Assis e, após ter afirmado a pouca apetência para o fazer, conclui pela anuência, por entender que não o poderia recusar ao santo.

³ Cf. Ferreira, 1983: 50: “Compreendesse ele que eu não queria ir para padre, tinha o meu destino de homem a cumprir, já com algumas urgências a inquietar-me, tia Luísa é que não fazia ideia – ele que dizia? Fito-o intensamente até me doerem os olhos - que é que diz? Preciso de saber se vou. Olho-o fixamente até me doerem os olhos, a igreja está deserta, o silêncio estala-me os ouvidos. Então, devagar, a cabeça do santo com o seu tabuleiro baixou-se e ergueu-se várias vezes a dizer-me que sim”.

português justificadas, e defendidas, a consciência e a coragem que foram timbre da sua personalidade e, principalmente, a sua lúcida “loucura”: “Um «louco»? Mas a «loucura» pode ser um modo de desvalorizarmos o que excede o nosso querer e entender. Por isso é que o amanhã é dos loucos de hoje, segundo Pessoa. E só verdadeiramente há loucura na ignorância da loucura. Francisco responde a uma tal acusação pela sua lucidez” (*ibid.*: 158).

Se Francisco de Assis foi louco, como assinala Vergílio Ferreira, se outros santos puderam ser distinguidos pela extravagância dos seus comportamentos, isto significa também que a lucidez dessa loucura os colocou sempre à nossa frente ou acima de nós e onde os *Príncipes deste mundo* ou os *Senhores importantes* a que “O Jantar do Bispo” e “Retrato de Mónica”, de Sophia de Mello Breyner, ironicamente aludem (ironia que envolve também o conceito de consciência moral), não têm lugar.

O Santo de Assis teria, naturalmente, de ser caro ao autor de *Espaço do Invisível*, por vir ao encontro do seu conceito de fé como algo que se vive profundamente, mas se não demonstra. Aqui Vergílio, e não é esta situação única, parece contradizer-se, não fora o estar legitimado pela vocação ensaística que sempre também foi a sua, a qual acaba por sancionar as voltas de um pensamento que, nas dobras do acaso, se mostra em ato, num discurso sem uma verdadeira arquitetura racional e retoricamente elaborado.

Vergílio Ferreira encerra a sua emotiva, mas também muito racional, evocação de S. Francisco de Assis, com uma nota bem nossa conhecida quanto à aproximação entre a vida do santo e a doce recordação da infância como lugar de ternura e de encantamento, porque transformado em legenda, onde se não preserva o que efetivamente se passou, mas o que na memória se conservou e se (re)construiu:

Santo algum poderia dar-nos o exemplo e a resposta para a nossa inquietação como o bom Francisco – a começar pelos ecologistas, que o deveriam eleger para seu patrono... Eis porque nós o julgamos como o santo dos santos. Eis porque nós o olhamos com uma simpatia enternecida e o consideramos nosso irmão. Assim a «Ordem Terceira» é a nossa ordem – dos que são crentes como ele e daqueles para quem a crença é já uma memória doce, como a da infância que passou... (*ibid.*: 160)

O S. Francisco de Vergílio Ferreira não é um santo para receber votos ou para se venerar nos altares (dessa vertente o nosso escritor se esquece), mas para nos orientar a vida. Orientação não à maneira da hagiografia, que nos relata as vidas dos santos para nos servirem de exemplo e de guia espiritual, mas para, com os pés na terra, nesta residirmos olhando aquilo que dela se eleva - o que é válido tanto para crentes como para não crentes.

A literatura, nas homenagens que, ao longo do tempo, foi prestando a este “santo de todos nós”, confirma o que dele o nosso escritor escreveu e prova que os santos, afinal, não são todos iguais, apesar das virtudes que os aproximam, e que há sempre alguns que são não apenas alvo preferencial de devoção individual, mas também do imaginário coletivo.

Justifica-se, assim, que ele tenha sido celebrado por muitos escritores, em geral, e cantado por muitos poetas, em particular. Entre os muitos exemplos possíveis, refira-se um poema de Mário Cláudio, escrito num tempo em que a sua obra romanescas ainda não o tinha imposto ao nosso conhecimento e à nossa admiração, intitulado “S. Francisco renuncia às riquezas temporais”:

S. FRANCISCO RENUNCIA ÀS RIQUEZAS TEMPORAIS

Sem as vestes de teu pai, terias o Pai.

Descobririas a sombra da oliveira, um plano de ervas, uma colcha de estrelas.

Nu, expulsarias os demónios rubros da cidade; asas de poeira e medo, de penas.

Melhor descalço descobririas os rios fundos, o canto de um grilo, o respirar do pequeno asno paciente do corpo.

Irias pela terra da liberdade, as nuvens só te vestindo de magríssima luz.

Para que as pedras se pisem pelo homem, há que ser pedra: inteira e rasa e dada ao Senhor (Cláudio, 1985:85).

Não admira que este Francisco que tanto atrai historiadores também seja persistente convite a poetas, os quais, consoante a orientação estética dos seus poemas, a ética que os move, a Natureza que subjetivizam, a universal fraternidade que defendem ou a simplicidade existencial que preconizam, nele veem um modelo ideal para a expressão da sua sensibilidade, do seu modo de ver e da sua arte. As características que lhe são imputadas legitimam o cordial tratamento a que muitos o votam, inclusivamente no discurso dialogal que não raro tem lugar, como se vê no poema transcrito.

Mário Cláudio seleciona do legado franciscano, como seria de esperar, o mais comum, mas, reelaborando-o metaforicamente, redimensiona liricamente a já de si poética visão da Natureza que se conhece em S. Francisco. Concentrando neste curto poema o essencial da vida do santo, e jogando com a figura paterna, a terrena grafada com minúscula e a divina com maiúscula, o poeta sugere, sem a narrativizar, a notável mudança de vida de Francisco; e nas metáforas que no seu diálogo vai construindo verte uma muito própria interpretação, mais sugerida do que dita, sobre as opções do santo de Assis, onde descortinamos a liberdade, o despojamento, a poetização da Natureza e o seu encantamento por ela, resumida, finalmente, na profunda humildade da pedra, matéria inerte pisada pelos homens, também um discreto poder espiritual.

O mesmo e outro é o S. Francisco de Florbela, cuja fraternidade não pode substituir a do irmão de sangue, ou o de Vinícius de Moraes. Este estabelece um confronto, num belíssimo e extenso poema intitulado “Espantosa ode a São Francisco de Assis”, e através de um bem construído jogo de antíteses, da santidade daquele com a sua frágil e imperfeita humanidade, onde fica em aberto uma espécie de dissídio ou de inquietude perante aquilo que, como poetas, os aproxima e como homens os diferencia:

A espantosa ode a São Francisco de Assis

1

Meu são Francisco de Assis, Francisco de Assim, *poverello*, ou como te chame a sabedoria dos povos e dos homens

Este é Vinicius de Moraes, de quem se podia dizer – o poeta – se jamais alguém o pudesse ser depois de ti.

2

Este é o impuro, o inconstante, o trágico, o leproso e possivelmente o morto
Que vem a ti o fiel, o calmo, o humano, o constante.

.....

3

Este é o que sacrifica a vida pelo prazer da hora, e se desgraça
Que vem a ti que sacrificaste a vida pela eternidade e pela graça.

4

Este é o homem da mulher, o homem da carne, o homem da terra
E que te ama santo da Mulher, santo da carne, santo da Terra.

Mesmo nos que se mostram descrentes, distantes da divindade e/ou da santidade, claudicam, perante a grandeza de santos como Francisco de Assis, arrogância e descrença, como testemunha igualmente a composição poética de um outro angustiado *descrente*, Miguel Torga, que também conta S. Francisco entre os irmãos, como irmão era, enquanto poeta, da cigarra, por esta, como ele, saber que “cantar era acreditar na vida e vencer a morte” (Torga, 2002: 76).

Se a atitude poética de S. Francisco era implicitamente suposta por Mário Cláudio, em Miguel Torga ela é plenamente reconhecida. Francisco, mais do que “o santo de todos nós”, é agora o irmão poeta, a quem louva, numa duplicação do próprio discurso laudatório do santo de Assis (Torga, 1999: 1446):

A S. FRANCISCO DE ASSIS

Louvado sejas, meu irmão poeta,
Pela beleza excelsa do teu canto,
O mais singelo,
Singular
E santo,
De quantos se entoam neste mundo.

Louvado sejas pelo profundo
Sentimento de paz
Que nele nos dá,
Cego a exaltar o sol,
Pobre a exaltar a vida
E até rendido aos pés da própria morte,
Nossa nocturna irmã sem caridade.

E louvado também pela humildade
Tutelar
Da tua inspiração,
Que soube, humanamente, ser do chão,
Mesmo erguida nas asas e a voar.

(Miguel Torga, *Diário*, 12 de Agosto de 1981)

Santos da Terra

Num colóquio sobre “metamorfoses da santidade”, gostaria de acrescentar a esta reflexão outras formas de santidade, recordando “santos da terra” que não chegaram a conhecer as honras dos altares, o que nos remete de novo à pergunta: “o que é um santo?” com que Vergílio Ferreira inicia o seu texto.

Santos da Terra são os não canonizados, mas assim considerados por outrem ou reconhecidos como perfilhando os valores daqueles outros que fazem parte das listas canónicas. Numa página do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, José Tolentino Mendonça, num curto texto intitulado “Do que falamos quando falamos de santidade”, cita - não *ipsis verbis* - aquela passagem de “O retrato de Mónica”, de Sophia de Mello Breyner, em que a escritora declara que o dom da poesia é dado apenas uma vez na vida e que, se não for aproveitado, jamais se repetirá. O seu intuito é contrapor a esta irrepetível oferta da poesia a sempre oferecida ocasião de santidade: “Mas a santidade é-nos dada todos os dias como possibilidade. E se a recusarmos teremos de a recusar todos os dias da nossa vida, porque quotidianamente a santidade se avizinha de nós”.

Estes santos da Terra apresentam (aos olhos dos seus contemporâneos, sobretudo) características que os aproximam dos outros, daqueles que têm direito a imagem nos altares. São portadores de virtudes passíveis de levar à santidade, umas vezes de maneira mais heroica e visível, outras de forma mais discreta e humilde. Com os canonizados têm como afinidade um comportamento responsável, de amor, respeito ao irmão, prática de vida espiritual sã, não raro pautada pela pobreza e austeridade do viver, enfim, uma vida de busca de perfeição, numa vivência que aproxima, como fazia o bom Francisco, embora segundo modos de vida bem diferentes, a Terra do Céu, sem que uma esteja cá em baixo e o outro lá em cima.

“É naquilo que somos e fazemos, no mapa vulgaríssimo de quanto buscamos, na humilde e mesmo monótona geografia que nos situa, na pequena história que dia-a-dia protagonizamos que podemos ligar a terra e o céu. Falar de santidade em chave cristã passou a ser isso: acreditar que a humanidade do homem se tornou morada do divino de Deus”. Compreende-se que estas palavras sejam escritas por um sacerdote, numa perspectiva de fé que não tem de ser a que está presente em toda a representação artística, mas parece haver uma conceção geral de santidade que atravessa o discurso de crentes, de não crentes ou de crentes que deixaram de o ser. Basta, não saindo das reflexões aqui empreendidas, cotejar estas afirmações

de José Tolentino Mendonça, que vê a santidade com os olhos da fé e da poesia, com as de Vergílio Ferreira sobre São Francisco de Assis, o pioneiro nesta aproximação de Terra e Céu.

Eça de Queirós, que bem se ocupou do tema da santidade, foi também atento a esta santidade terrena. Não se trata apenas do seu Santo Antero. “Um Santo Moderno” é igualmente um texto modelar deste ponto de vista. Indo buscar um “santo” ao estrangeiro, o autor revela que, ao lado de Antero, outros deambulam por aquele mundo onde ele também vive. Santos que, mesmo fora dos altares e do cânone, não estão longe da santidade, no que ela tem de boa e sã vivência na Terra. Ele próprio o justifica, afirmando que no seu presente “já não é o Papa, mas o povo que canoniza” (Queirós, 1970: 179).

Mais próximo, talvez, das regras da Igreja Católica do que Antero de Quental, o cardeal Manning, na visão de Eça, é mais um exemplo de que, como dizia Vergílio Ferreira, os santos têm, regra geral, épocas que se lhe adequam, não estando adaptáveis a todas. O cardeal Manning, escreve ele, “foi um santo – mas foi um santo do século XIX”, como se, com esta ressalva, admitisse que não poderia tê-lo sido de nenhum século anterior. O escritor esclarece esta posição, distinguindo o que é da essência da santidade - imutável, portanto – e o que é da esfera das suas manifestações temporais: “A essência da santidade não difere com os tempos; e a alma de um santo que viva, neste ano da Graça de 1892, no fragor e na fumaça de Londres, é ainda idêntica, nas suas qualidades melhores, à alma de um Santo Antão no seu deserto, ou de um S. Francisco de Assis” (*ibid.*: 175).

Com uma vida íntima que “não se afasta muito da dos outros santos do hagiológico”, o cardeal Manning é um modelo de santo comparável a Santo Agostinho e outros de comportamento similar na vida desregrada que antes levava e na sua regeneração pela penitência; não nasceu santo e morreu santo, como teria nascido e morrido Antero, na perspectiva de Eça. Foi santo, porque piedoso, caridoso, espalhando a sua riqueza pelos pobres. O autor não o diz, mas, admitindo que o cardeal Manning se despiria na rua para agasalhar as criancinhas, bem o poderia comparar a S. Martinho, o que mostra, uma vez mais, a ténue divisória que separa uns santos dos outros, sendo estes da terra credíveis candidatos à santidade dos eleitos.

Santo do seu tempo, o cardeal Manning não seria nunca anacoreta, porque, apesar da sua condição eclesiástica, se misturava aos seus compatriotas e era partícipe da revolução político-social e da militância em favor da classe trabalhadora, numa inusitada fusão de S. Paulo e Karl Marx, o que só no tempo de Eça se poderia fazer: “Dois grandes motivos dominaram esta sua rija actividade temporal: estender na Inglaterra a influência da Igreja Católica e melhorar em toda a Terra o viver das classes pobres. Dentro das limitações do tempo e da doutrina – foi um S. Paulo e um Karl Marx” (*ibid.*: 177).

Antero era, por sua vez, um génio que possuía “alma de santo” e Eça o discípulo enlevado que, declara-o, para sempre assim se conservou na vida, desde que o conheceu em Coimbra. Era genial na sua eloquência, na sua capacidade de sedução perante aqueles que o escutavam,

no modo como difundia uma mensagem nova, num verbo cheio de novidade e vigor⁴, no idealismo que o movia, nas fantasias que criava, na lenda que à sua volta se ia construindo, e de que a Questão Coimbrã terá ficado como emblemática. Verdadeiro líder, Antero, do ponto de vista de Eça, era também um Messias e um homem naturalmente bom, modelo de fusão de sapiência e virtude⁵.

Íntegro, heroico, bondoso, mas “superfino artista” (*ibid.*: 270), Antero não é o santo da tranquilidade da natureza nem, apesar de Eça afirmar que a sua geração fez a empolgante descoberta da Humanidade, o bom samaritano que para no caminho a ajudar o desgraçado. O seu atribulado espírito, goradas as expectativas de uma ação feliz neste mundo, refugia-se nos domínios da metafísica para expandir a sua angustiada⁶ insatisfação com a sociedade: “Como direi? O artista, o fidalgo, o filósofo, que em Antero coexistiam, não se entenderam bem com a plebe operária. Sempre sincero, lavou as suas mãos, e proclamou que só os Proletários eram competentes para exprimir o pensamento e reivindicar o direito dos Proletários. E amando ainda os homens, mas desistindo de os conduzir a Canaã, subiu com passos desafogados para a sua alta torre bem-amada, a torre da metafísica” (*ibid.*: 270).

Se o santo, para a Igreja e para o senso comum, é o portador em alto grau de excepcionais qualidades, Manning e Antero sê-lo iam. Virtudes de sobra teria o cardeal-arcebispo de Westminster, e a Antero, segundo Eça, nenhuma lhe faltava: “Não conheço virtude que ele não exercesse: e com uma graça tão fina e fácil, que a Virtude, através dele, aparecia não só como a suprema utilidade, mas como a suprema elegância da Vida. A alma de Antero, com efeito, foi sempre superiormente elegante” (*ibid.*: 282)⁷.

⁴ Cf. Eça de Queirós (1970: 251-252): “Parei, seduzido, com a impressão que não era aquele um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquíssimo século XVIII, mas um bardo, um bardo dos tempos modernos, despertando almas, anunciando verdades. O homem com efeito cantava o Céu, o Infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades, a luz suprema habitada pela ideia pura [...]”.

⁵ “Mas sobretudo se impunha pela sua autoridade moral. Antero era então, como sempre foi, um refulgente espelho de sinceridade e rectidão. De nascença a sua alma viera toda limpa e branca, e quando Deus a recebeu, encontrou-a decerto tão limpa e branca como lha entregara” (*ibid.*: 261).

⁶ Nesta sua tarefa de fazer de Antero um dos seus santos, Eça, recorrendo ao exemplo de outros conhecidos, desculpabiliza essa angústia numa alma crente em que tudo se encaminharia para o supremo Bem: “Mas, de resto, a visão de Antero tinha um seguro núcleo de realidade. E pelo exame dessa realidade, a que ele desfazia não somente todos os fios visíveis mas antevia os prolongamentos ainda encobertos, viera a descrever de Portugal, com uma descrença que lhe era angústia. Angústia bem contraditória num grande intelectual, que sentia o mundo, através de todas as aparências perversas, marchar sublimemente para o Bem, supremo e consolante momento da evolução do Ser. Que pode importar uma chaga em corpo, que, por efeito dessa mesma chaga e da sua decomposição, se está transformando em puro espírito, no anjo? Tais contradições, porém, pululam no misticismo, enchem a história dos Santos no Deserto” (*ibid.*: 279-280).

⁷ Compreende-se um discurso desta natureza segundo a função a que se destinava, mas ele é igualmente eloquente para a análise do percurso estético-literário do autor, nomeadamente para um cotejo do que escrevera sobre a caracterização da personagem romântica em “Idealismo e Realismo” para compreendermos esta visão tão idealizada de Antero e como ela nos faz pensar no Eça de “Positivismo e Idealismo”.

Mas um e outro ficaram-se pela santidade na Terra, porque o amigo de Antero, não intervindo na causa dos santos, não o elevou à santidade, como não elevou o Cardeal Manning. Assim, ficaram os dois apenas como santos modernos e terrenos. Quanto ao “Santo Antero” de Eça - o ter permanecido com essa auréola de santidade na Literatura e na Cultura Portuguesas já não é pouco.

Bibliografia

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (s/d). *Contos Exemplares*. Lisboa: Portugalia.
- CLÁUDIO, Mário (1985). “S. Francisco renuncia às riquezas temporais”. In GUIMARÃES, Fernando *et. al.* *As palavras da tribo*. Funchal/Lisboa: Quetzal e Altamira.
- EÇA DE QUEIRÓS (1970 [1892 e 1896]). “Um Santo Moderno” e “Um génio que Era um Santo”. In *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil.
- FERREIRA, Vergílio, (1987). “Francisco, o santo de todos nós”. In *Espaço do invistvel IV*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (1979). *Signo Sinal*. Lisboa: Bertrand.
- (1983). *Para Sempre*. Lisboa: Bertrand.
- JOLLES, André (1972). *Formes Simples*. Paris : Seuil.
- LE GOFF, Jacques (2000 [1999]). *S. Francisco de Assis*. Lisboa: Teorema [Título original : *Saint François d'Assise*. Paris: Gallimard. Tradução de Telma Costa].
- MENDONÇA, José Tolentino (2012). “De que falamos quando falamos de santidade?”. In http://www.snp-cultura.org/paisagens_de_que_falamos_quando_falamos_de_santidade.html
- TORGA, Miguel (1999). *Diário*. Vols. IX a XVI.
- (2002 [1940]). *Bichos*. Lisboa: Dom Quixote.

.....

RESUMO

O breve ensaio de Vergílio Ferreira sobre S. Francisco de Assis e os de Eça de Queirós sobre o cardeal Mannig e sobre Antero de Quental servirão como ponto de partida e de chegada, respetivamente, para uma análise de textos literários e críticos sobre o tema da santidade. Se esta representa um conceito partilhado e mais consensual, a sua concretização na imagem do santo assume representações diversas segundo os tempos, as culturas e até as necessidades, sendo ainda extensível a alguns não-canonizados que se destacam por excecionais qualidades humanas, e que algum contemporâneo aproxima daqueles que receberam as honras do altar.

ABSTRACT

The short essay of Vergílio Ferreira about Saint Francis of Assisi and those of Eça de Queirós about cardinal Mannig and Antero de Quental serve as a point of departure and arrival, respectively, for an analysis of literary and critic texts on the subject of holiness. If this is a shared and consensual concept, its realization in the image of the saint generates several representations according to times, cultures and even needs, and is even extended to some non-canonized that stand out for exceptional human qualities, approaching those who received the honors of the altar.